

## **EQUIPE INTERDISCIPLINAR ESCOLAR: supervisores, psicólogos e assistentes sociais tecendo uma rede sob medida<sup>1</sup>**

Andréa Chicri Torga Matiassi<sup>2</sup>  
Ângela Imaculada de Freitas Loureiro Dalben<sup>3</sup>  
Cristiane de Freitas Cunha Grillo<sup>4</sup>  
Marlene Maria Machado da Silva<sup>5</sup>

### **RESUMO**

Este artigo apresenta a primeira etapa do cumprimento da Lei 13.935/2019, nas escolas da Secretaria Municipal de Nova Lima. Em 2024 esta secretaria optou por realizar a inserção de psicólogos e assistentes sociais, com formação permanente, juntamente com os supervisores das escolas. O referido projeto está sendo desenvolvido pela Equipe Interdisciplinar do Programa Janela da Escuta/UFGM, composta por doutoras da área da educação, saúde e psicologia. O objetivo do projeto é proporcionar espaço de diálogo e formação em serviço, entre os saberes dos profissionais da educação, psicologia e serviço social. Como metodologia é trabalhada a escuta semanal destes profissionais, realizando leituras, discussões e reflexão sobre casos no contexto da organização do trabalho escolar. Um grande desafio é a tomada de consciência sobre a estrutura, vocabulário, dinâmica do espaço escolar que é diferente das experiências vividas dos psicólogos e assistentes sociais em outras políticas e campos de atuação, que está carregada de outras linguagens, instrumentos e ações que não se configuram e enquadram com as do espaço escolar. Assim sendo, pensar nas palavras notificação, protocolo, fluxo, sigilo dentre outros exemplos, significa observar que na educação serão outras nomeações que darão sentido e significado ao processo educacional. Nos encontros de formação, a discussão sobre este novo saber fazer da psicologia e do serviço social, juntamente com educadores e a reflexão das experiências nas escolas, vem apontando para a constituição do conceito de Equipe Interdisciplinar Escolar, como espaço de discussão das demandas da escola e sua relação com a comunidade, articulando-a com as redes públicas de atenção e proteção à criança e adolescentes, sempre que necessário.

**Palavras-chave:** Psicologia na escola, Assistentes Social na escola, Equipe Interdisciplinar Escolar.

---

<sup>1</sup> Este texto foi construído a partir do projeto de formação dos supervisores, psicólogos, assistentes sociais atuantes nas escolas da Secretaria Municipal de Educação de Nova Lima, juntamente com as assessoras pedagógicas da referida secretaria.

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFGM, Consultora/ SP Inovações.

<sup>3</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFGM, Consultora/ SP Inovações.

<sup>4</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFGM, Consultora/ SP Inovações.

<sup>5</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFGM, Consultora/ SP Inovações, [marlenemachadosilva2015@gmail.com](mailto:marlenemachadosilva2015@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Este texto tem o objetivo de elucidar o primeiro momento do processo de inserção e formação de psicólogas(os) e assistentes sociais nas escolas municipais de Nova Lima, um dos municípios pioneiros na aplicação da Lei 13.935/2019, inserindo essa equipe de profissionais em todas as escolas. A Secretaria Municipal de Educação – SEMED, a partir da publicação do Edital de no 01/2023 contratou profissionais da Assistência Social e da Psicologia, para atuarem na Rede Municipal de Ensino.

A inserção obrigatória de profissionais da Assistência Social e a Psicologia nas escolas brasileira faz-se através da aprovação da Lei Federal nº 13.935, de 12 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019), a qual prevê a presença dos mesmos na Educação Básica, considerando um trabalho multiprofissional junto a equipe pedagógica. Foram quase duas décadas para a promulgação dessa lei, e segundo o manual “Psicólogas(os) e Assistentes Sociais na rede pública de educação básica: orientações para regulamentação da Lei nº 13.935, de 2019”, elaborado à partir do empenho conjunto entre as duas autarquias – Conselho Regional de Psicologia e Conselho Regional do Serviço Social- e as entidades parceiras,

“a atuação de psicólogas(os) e de assistentes sociais estão alicerçadas nos direitos humanos e na defesa intransigente da educação como um direito de todas e todos, preconizado entre outros, na Declaração Universal de Direitos Humanos e na Constituição Federal de 1988. (BRASIL, 2022, p.16)

De acordo com o mesmo manual, as equipes multidisciplinares deverão desenvolver ações para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com a participação da comunidade escolar, atuando na mediação das relações sociais e institucionais. O trabalho desta equipe deverá considerar o projeto político-pedagógico das redes públicas de educação básica e dos seus estabelecimentos de ensino.

Apesar dos documentos desenvolvidos pelos Conselhos Regionais dessas duas áreas do conhecimento, é preciso ampliar o debate sobre a interdisciplinaridade e o papel desses profissionais nos ambientes escolares para promover a concretização dessa nova metodologia de trabalho.

No caso de Nova Lima, considera-se que a rede municipal de educação é diversa em sua composição territorial, nas modalidades e nos níveis de ensino, bem como nos ciclos de formação da infância e adolescência, e os psicólogos e assistentes sociais inseridos nas escolas terão que conhecer e lidar com essa diversidade. Assim sendo,

avalia-se que serão necessárias diversas formas de articulação e formação para que esse processo de inserção se dê de maneira efetiva nas escolas da rede básica de Nova Lima.

Dada a inovação que constitui a presença de psicólogos e assistentes sociais na rede de educação, é estratégico que ocorram processos de formação desses profissionais e a construção de uma diretriz metodológica e ética para que haja um trabalho interdisciplinar que dê sustentação para o aluno, a família e o professor. Assim, em 2024 os referidos profissionais iniciaram sua atuação nas escolas e a participação no projeto de formação continuada, juntamente com equipe de assessoras pedagógicas da SEMED. Este projeto de formação se inspira nos princípios éticos e metodológicos que norteiam o Programa de Pesquisa e Extensão Janela da Escuta da UFMG e é coordenado pela equipe interdisciplinar de pesquisadoras que atuam nas áreas de Educação, Saúde e Psicologia, através deste programa.

### **Uma rede tecida sob medida**

O Janela da Escuta é um Programa de Extensão e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem a Escola Guignard da Universidade Estadual de Minas Gerais e o Instituto Undió como parceiros. Trata-se de também uma metodologia construída coletiva e continuamente, que se coloca a serviço das políticas públicas que constituem uma rede de cuidado das infâncias e das adolescências. Esse percurso metodológico é uma referência para as formadoras da Equipe Interdisciplinar Escolar, visto que elas integram o Programa e vivenciam o seu processo de construção coletiva e interdisciplinar.

Há nesse trabalho, a marca da orientação psicanalítica: supor o saber no outro, cavar um lugar para as singularidades no ideal do universal e apostar em um laço possível, em uma vertente anti-segregativa.

As infâncias e adolescências no Brasil são marcadas por diversas formas de violência, dentre as quais o racismo se revela como estruturante. Observamos um excesso de diagnósticos e a conseqüente medicalização, que silencia e subjuga crianças, adolescentes, famílias, professores. Há uma exploração do trabalho infanto-juvenil, tendo como um dos exemplos mais cruéis, a inserção no tráfico de drogas. Exploração que não é abordada pela via da proteção, mas da criminalização, da segregação.

Freud nos ensina que a escola pode ser um lugar onde se joga a vida, mas também pode ser aquele que empurra o aluno para a morte. E o professor pode ser alguém que franqueia o caminho para o saber, ou aquele que obtura esse acesso.

O Janela da Escuta não se guia por protocolos rígidos, burocráticos, mas por princípios éticos e vivos, a saber: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida.

O adolescente especialista de si, marca uma diferença radical desse trabalho que nasce em um hospital universitário, lugar dos especialistas. Há uma aposta no saber de cada adolescente, especialista em si. Recuamos nos nossos saberes, para permitir que esse saber singular possa emergir. Essa premissa não se restringe a uma faixa etária, é uma diretriz ética que conduz o trabalho. Considera-se a adolescência não como um acontecimento universal, como um marco de um desenvolvimento, mas como uma resposta singular à invasão da puberdade, do sexual, que é disruptivo em relação ao saber. Neste sentido, as respostas das questões mais importantes da vida são forjadas sob medida e as redes de apoio, de proteção de vida, devem tomar essa medida para se constituírem. Uma tessitura sob medida implica em uma abertura para o novo, que subverte a cada vez, os saberes estabelecidos, instigando uma produção contínua e inventiva de um saber fazer.

### **Considerações sobre a escola e sua dinâmica na inserção de novos profissionais**

Pensar uma equipe multidisciplinar atuando no contexto escolar, exige compreender que a escola é um espaço onde inúmeros sujeitos com histórias de vida, experiências, valores, expectativas de futuro e desejos diferentes e próprios interagem entre si, numa dinâmica intensa de múltiplas intencionalidades. É essa realidade multifacetada e diversa que constitui a chamada dimensão social da realidade escolar.

Essa dimensão social envolve aspectos pedagógicos e políticos fundamentais: a vinda do aluno para a escola, a sua permanência e a sua escolaridade. Assim, o contexto existe pela presença do aluno e é este e sua história de vida e suas interações com as finalidades e objetivos de aprendizagem, que mobilizam a dinâmica escolar, a comunidade escolar e as relações escola / comunidade mais ampla.

A instituição Escola tem a missão de escolarizar, alfabetizar e letrar os estudantes, de ensinar as operações matemáticas e, em síntese, desenvolver os parâmetros curriculares, definidos em lei, com a finalidade de escolarizá-los. Essa missão, por vezes,

traz uma tendência à homogeneização, à padronização de comportamentos e expectativas de resultados, em função dos próprios princípios de organização do trabalho que a escola assimila. Entretanto, a diversidade é natureza específica constitutiva da escola. Acreditar em homogeneidades possíveis é enquadrar pessoas nas médias e medianas. Ignorar ou apenas considerar e valorizar aquelas ações padronizadas, que se estabelecem no interior da instituição, para que esse enquadramento aconteça, define por si as violências simbólicas diante das diferenças existentes.

As escolas devem direcionar as reflexões sobre seu trabalho e sua organização tomando as diferenças e as diversidades como pontos de partida, almejando-se possibilidades de convívio, partilha e aprendizado comuns, como pontos de chegada, de modo que todos tenham acesso ao saber que buscam na escola e que constituem instrumentos fundamentais em suas inserções sociais pela vida. Uma coisa é certa: a escola é uma instituição social importante e o saber escolar faz parte das oportunidades de inclusão na vida social sendo, inclusive, um bem social qualificado. Nesse sentido é fundamental que todos os alunos se apossessem desse saber valorizado pela sociedade e que cabe à escola transmitir e ensinar.

Validar o saber do aluno e valorizar seu mundo, sua cultura e sua subjetividade na escola significa valorizá-lo em suas diferenças. Mas o confronto de saberes que se dá por excelência no convívio e nas interações sociais é o grande desafio da formação humana e do processo de escolarização, uma vez que está aí a possibilidade de construção de um novo saber para a constituição de novas possibilidades de conhecimento, de interações sociais e até construção de novos projetos de vida.

Ao somar-se ao processo de escolarização, os conhecimentos de profissionais de diferentes áreas de atuação, estes precisam, prioritariamente, ter noção da função da escola, como uma instituição social e sua importância política na sociedade, na escolarização das crianças, especialmente, aquelas das camadas populares que frequentam a escola pública. Nesse sentido, a atuação de todos e quaisquer profissionais que adentram os muros dessa instituição precisa levar em conta suas possibilidades e condições efetivas e concretas de realização do seu trabalho. Uma abordagem das questões da escola por diferentes profissionais não pode partir do pressuposto da *divisão social do trabalho*, onde cada um assume o que considera especificamente seu, acreditando ingenuamente que a soma, seria o bom resultado do processo de escolarização, desconsiderando a complexidade presente em cada ser humano e no espaço onde convivem por mais de 5 horas diárias em média.

O trabalho dos vários profissionais do ensino deverá se dar em função de uma ação pedagógica que se caracterize como uma ação coletiva, e não simplesmente como uma cooperação entre os vários especialistas. (SENA,s/d, p.58)

## **METODOLOGIA**

O objetivo deste projeto é proporcionar espaço de diálogo entre os saberes dos profissionais da educação, psicologia e serviço social, visando a produção coletiva de conhecimentos, de forma implicada e coletiva. Definimos como metodologia de trabalho, os princípios da pesquisa-ação e da pesquisa-intervenção, com orientação psicanalítica, a partir das experiências das consultoras/pesquisadoras.

A pesquisa intervenção ou pesquisa-ação costuma estar atrelada aos processos de subjetivação, desnaturalização de si e do objeto investigado, porque permite que os sujeitos participantes produzam algo inesperado ou novidades deles próprios e para eles mesmos. Isso, aliás, sempre acontece quando se propõe rodas de conversa. Nesses contextos, a área da psicanálise oferece suporte à metodologia da pesquisa-ação, a partir do pressuposto de liberar a palavra e a fazer circular em espaços de liberdade. Com relação ao uso das técnicas psicanalíticas em pesquisa, Paulon e Romagnoli afirmam:

*“não é somente uma proposta para ser um agente de mudanças e alterar os campos da pesquisa, mas inicialmente alterar a nós mesmos. Não temos como ponto de partida a mudança do outro, mas sim a alteração de nossas práticas e da lógica implicada na oferta desse trabalho.” (2010,p.95)*

Na pesquisa-ação, a mudança parte primeiramente do pesquisador – interventor, uma vez que não são os participantes meros depoentes e não são eles que demandam ser investigados. É o próprio investigador que deseja uma exterioridade e acredita no recorte da sua questão inicial de pesquisa. Isso significa que o desejo é o do pesquisador e não do próprio investigado. Assim, segundo Pereira (2016), trata-se de uma demanda invertida que necessita ser manejada com cuidado.

Com os espaços de fala, privilegia-se o ponto de vista dos sujeitos sobre a sua própria condição, inseridos num contexto público, proporcionando-se oportunidade para que elaborem e construam sentidos e significados para suas experiências subjetivas transformando-se em demandas próprias.

Um outro ponto importante que é possível emprestar da psicanálise é a dimensão “heurística” vinculada à técnica do recordar, repetir e elaborar. Os sujeitos falam e suas lembranças se aguçam em formas de repetição, possibilitando-lhes perceber

a si mesmos e elaborar-se subjetivamente. No caso deste projeto, intervimos no sentido de provocar os participantes refletirem sobre sua própria prática, a formalizar seus impasses e enigmas, elaborando respostas, o que pode ser admitido pela psicanálise, como campo teórico metodológico de intervenção na pesquisa, a indução dos participantes a uma nova atitude diante do real ou do que está posto como real. Trata-se de uma espécie de destrave de conceitos cristalizados que dão concretude aos fatos rotineiros, retirando os nomes ou passando a denominar situações, antes, não consideradas e caracterizadas, como tal. Criar espaço para a dúvida, a suspeita, a incerteza, o deslocamento dos lugares de conforto e, até mesmo, o desvelamento de realidades.

Do ponto de vista dos investigadores, a orientação centrou-se no ato de fazer falar, intervir e propiciar a desnaturalização de situações críticas e desafiadoras, no ato de expressar-se, estabelecer múltiplas relações entre os pares, entre subjetividades e a instituição escola, os familiares, a comunidade como um todo, os estudantes em particular, acreditando que, assim, estaríamos favorecendo a descrição, o entendimento e a elaboração de sentidos e significados, explícitos ou não, que se manifestassem nos contextos de falas. Segundo Pereira (2016), numa orientação ética, o que importa em todo o processo é induzir os sujeitos à reflexão de sua prática, de suas ações e de seus saberes, na compreensão dos fenômenos e busca de soluções coletivamente, centradas na missão da escola como uma instituição inclusiva e de qualidade social.

A partir desses pressupostos, organizamos o trabalho definindo a escuta semanal destes profissionais, realizando leituras, discussões e reflexão sobre casos do contexto e da organização do trabalho escolar. A definição das temáticas e discussões de cada encontro surgem desta escuta, necessitando constante análise dos registros de campo, de trabalho dos grupos e dos questionários individuais, exigindo constante (re)planejamento e discussão da equipe de formadoras para condução do projeto, ou seja, trata-se de uma formação em serviço e a partir dele.

A primeira prioridade apresentada pelos participantes: supervisores, psicólogos e assistentes sociais foi definir o papel de cada profissional, neste novo contexto de atuação no espaço escolar, constituindo a primeira etapa do projeto de formação. Iniciou-se com o levantamento das ideias e conceitos dos participantes sobre o que seriam as funções e os desafios a serem enfrentados por eles, nesta nova configuração de profissionais na escola. Foram instigados a elaboração de perguntas e respostas sobre os papéis dos psicólogos, assistentes sociais e supervisores pedagógicos, que reverberaram em questões sobre o papel dos diretores, professores, alunos e famílias.

Em grupos, psicólogos, assistentes sociais e supervisores, puderam falar de si e do outro, produzindo controvérsias e confluências. Essa discussão tomou corpo e se decantou em seis encontros, atravessados por temas complexos como violências, urgências subjetivas e questões políticas.

No final, os grupos concluíram que estavam às voltas não apenas com a definição de papéis, mas com a construção de um saber e de um fazer, tecidos em uma dupla face, a do singular e a do comum, do inter-disciplinar, com a porosidade do hífen, que permite a cada um respirar, para seguir na tessitura sob medida de uma rede que possa estar à altura das crianças e dos adolescentes que são o presente e futuro de Nova Lima.

Durante os primeiros encontros, houve dinâmicas, trabalhos em grupo, leituras, discussão de caso e levantamento de informações através de formulários individuais, para que todos pudessem compreender os desafios, impasses e potencialidades do trabalho. Ao final desta primeira etapa, constatou-se que não se tratava de definição de papéis, mas sim da construção dos mesmos, a partir das experiências vivenciadas nas escolas. Cabe salientar que este desafio se configurou também para as integrantes da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Nova Lima e para as formadoras, uma vez que trata-se de experiência pioneira. Também constatou-se que não se tratava somente da inserção de novos profissionais nas escolas, mas que as experiências vivenciadas por psicólogos e assistentes sociais em outras políticas e campos de atuação, as quais são constituídas de linguagens, instrumentos, ações, tempos, espaços e prioridades próprias, estabeleciam uma tensão com as experiências próprias do espaço escolar. Assim, pensar nas palavras 'notificação', 'protocolo', 'fluxo', 'sigilo', 'consultório', significa observar que na educação serão outras nomeações que darão sentido e significado ao processo educacional. Nos encontros de formação, a discussão sobre este novo saber fazer da psicologia e do serviço social, juntamente com educadores, e a reflexão das experiências nas escolas, apontou para a constituição do conceito de Equipe Interdisciplinar Escolar, como espaço de discussão das demandas da escola e sua relação com a comunidade, articulando-a com as outras redes públicas de atenção e proteção à criança e adolescentes, sempre que necessário.

As questões apresentadas acima instigaram os quase 140 participantes do projeto de formação, a discutirem e elaborarem propostas de atribuições da função de supervisor, psicólogo e assistente social, ao mesmo tempo que foi se constituindo a necessidade de construção da função da Equipe Interdisciplinar Escolar. As atribuições a seguir foram elaboradas e discutidas pelas mãos dos 130 participantes. Todos apresentaram suas

propostas para as funções de Supervisão, Psicologia e Serviço Social. No caso das propostas da supervisão foi realizada a análise de cada proposta verificando o que estava para além do pedagógico e o que seria destinado a Equipe Interdisciplinar Escolar. Com relação a Psicologia e ao Serviço Social, os profissionais destas áreas fizeram a análise e apresentaram suas conclusões.

## **As atribuições e funções da Equipe Interdisciplinar Escolar**

### **Um trabalho inter-disciplinar**

O hífen do ‘inter-disciplinar’, não sustentado pelas novas regras gramaticais, permanece aqui como a marca de uma brecha, de um intervalo, de um furo nos nossos saberes e práticas. É a marca de uma incompletude que constitui cada equipe de trabalho sob a égide dessa ética. Incompleta para escapar da ferocidade das instituições totais, de um saber sobre o outro que o exclui, de um delírio de salvação que reduz o outro ao lugar de vítima, marcado pela impotência. Cada saber é importante e imprime sua marca nessa tessitura, mas há um lugar do não saber, onde os saberes insuspeitos podem emergir.

No trabalho desta equipe junto a rede, os encaminhamentos burocráticos não têm lugar, mas os compartilhamentos de cada caso, construídos em torno das perguntas, dos vazios, dos furos provocados pelos novos impasses. A lógica dessa rede ultrapassa as articulações das políticas públicas e se abre para os coletivos, na configuração de redes vivas. A aposta na escola como lugar de vida é o que conduz o trabalho em Nova Lima, com a proposta de construir um percurso coletivo, a partir do que aprendemos até aqui. Em síntese, as Equipes Interdisciplinares Escolares atuam como elos da rede de proteção e promoção de um ambiente escolar propício ao trabalho de aprendizado e de formação cidadã, por meio do trabalho coletivo. Assim, acredita-se que sejam atribuições desta equipe, ações que contribuam com o projeto de escola, que desejamos:

- Orientar e desenvolver o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.
- Propiciar Formação Continuada da equipe docente e de colaboradores.
- Proporcionar o Desenvolvimento Curricular e seu alinhamento com o PPP da escola.
- Contribuir com a avaliação e monitoramento dos objetivos educacionais, do desenvolvimento dos alunos e dos resultados de aprendizagem.
- Gestar a escola visando o bom funcionamento administrativo, pedagógico e relacional da instituição de ensino.

- Contribuir ativamente na tratativa dos conflitos escolares, através do acolhimento e escuta, discutindo interdisciplinarmente os casos que apontam necessidades de intervenção ou articulações necessárias para o compartilhamento com a rede de proteção da criança e adolescente,
- Conhecer as questões que afetam o andamento pedagógico dos estudantes, buscando estratégias que possam auxiliar na resolução de problemas encontrados.
- Agir evitando comparações e sabendo ouvir e abordar as questões com sensibilidade e empatia, gerando segurança, tanto nas crianças quanto na família, por meio do acolhimento.
- Trabalhar em equipe, coordenando, refletindo, definindo e compartilhando questões pedagógicas, apoiando a equipe de professores e familiares quando necessário e devido.
- Trabalhar as demandas recebidas, com o intuito de juntos, assegurar uma educação de qualidade social às crianças e adolescentes.
- Assessorar os professores tanto na parte pedagógica quanto nos impasses que se relacionam ao desempenho dos alunos, no âmbito acadêmico, emocional, social, comportamental e outros.
- Desenvolver ações para a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, incentivando a participação da comunidade escolar nas instâncias coletivas de decisão, nas reuniões e eventos, contribuindo com suas sugestões.
- Favorecer, construir e viabilizar os processos de comunicação escola / família e comunidade escolar incentivando a participação e o trabalho coletivo nas atividades escolares e no processo educativo.
- Discutir, intervir e acompanhar os casos de alunos que apresentem impasses em seu desenvolvimento emocional, social, cognitivo e de desempenho escolar.
- Trabalhar com as famílias aspectos relacionados ao desenvolvimento integral dos alunos.
- Contribuir com o fortalecimento da relação escola/família para ampliar essa participação.
- Avaliar a unidade escolar, no que se refere a promoção da acessibilidade, sempre que um novo aluno for matriculado necessitar.
- Promover ações que visem o bem-estar emocional, social e acadêmico dos alunos e profissionais da escola.

- Analisar as demandas das crianças e suas famílias, no âmbito afetivo/emocional e apresentar as possibilidades de intervenção na escola e nos serviços das políticas da rede municipal.
- Elaborar e executar ações que favoreçam a edificação de um ambiente escolar mais harmônico (Clima escolar).

Após a primeira etapa do projeto de formação, o qual teve como produto a construção do conceito de Equipe Interdisciplinar Escolar, os participantes passaram a se debruçar sobre o cotidiano das equipes nas escolas e na cidade. Passamos a instigar a discussão de impasses, muitas vezes representados por um ‘caso complexo’, tomado sempre como paradigmático, isto é, capaz de produzir conhecimento, iluminar experiências futuras e tensionar a política. Essas discussões deram lugar a conversações com outros atores da rede de cuidado e garantia de direitos das crianças e adolescentes.

A partir dos impasses trazidos pelas equipes interdisciplinares, temas emergiam para discussão no coletivo, destacando a discussão sobre as violências, múltiplas e algumas vezes veladas ou banalizadas. A discussão sobre a qualidade social da educação provocou uma reflexão sobre a relação da escola com os alunos e com as famílias, para a construção de uma relação de confiança.

Desta forma, o conceito de tessitura de rede sob medida foi colocado em prática no processo de formação. Cada impasse, cada equipe teve seu lugar singular acolhido. E são essas equipes singulares e vivas, que podem tecer, também sob medida, uma rede de educação e cidadania, capaz de acolher os coletivos de singulares dos alunos e famílias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta de inserção de psicólogos e assistentes sociais nas escolas municipais de Nova Lima, através do projeto de formação continuada, está proporcionando a elucidação de vários aspectos que envolvem o espaço escolar.

Este projeto de formação somente está sendo possível, pois sua constituição e ação tem se configurado com a própria Equipe Interdisciplinar Escolar, em que os saberes de diferentes áreas de atuação e pesquisa se coloca a serviço da escola, na construção de novos saberes para superação dos desafios e impasses que a constituem. Precisamos considerar que, hoje, vivemos uma nova escola, a escola do século XXI e, sendo uma instituição social que reflete as relações na sociedade, ela se faz como o espaço do novo,

porque numa nova sociedade que gesta uma nova criança, um novo aluno que traz as suas marcas, suas diferenças, para compor um novo cenário educacional. É esse o cenário e o contexto onde devem atuar as equipes interdisciplinares escolares.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.935/2019 - Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/113935.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113935.htm)

BRASIL. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na educação básica. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2. Ed. 2019. 70 p.

Conselho Federal de Psicologia (Brasil) . Psicólogas(os) e assistentes sociais na rede pública de educação básica : orientações para regulamentação da Lei nº 13.935 - versão 2021 / Conselho Federal de Psicologia e Conselho Federal de Serviço Social. — 2. ed.— Brasília : CFP , 2022.

DINIZ, Margareth. Método clínico e a formação docente. In: MRECH, Leny M.; PEREIRA, Marcelo R. (Orgs.). **Psicanálise, transmissão e formação de professores**. Belo Horizonte: Fino Traço/Fapemig, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortez, 1989.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (Ó. C. Muniz, Trad.) In J. Salomão (Org.), Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996, Vol. XIII, pp.245-250.

GOMES, Maria de Fátima; PEREIRA, Marcelo Ricardo. Psicologia Educacional: sujeitos contemporâneos. São Paulo: Contexto, 2022. 144 p.

GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha, Rocha, Bianca Ferreira, MOURÃO Mateus (orgs.) Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022

MARIN, Alda Junqueira. Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade. IN: In: TIBALLI, Elianda F. Arantes, CHAVES, Sandramara Matias (orgs.) Concepções e práticas de formação de professores – diferentes olhares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.57-73 (Trabalhos apresentados no XI ENDIPE – Goiânia – Goiás, 2002).

PAULON,S.; ROMAGNOLI, R Pesquisa-intervenção e cartografia. Estudos e pesquisas em psicologia (UERJ), Rio de Janeiro, 10 (1) 2010.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. O nome atual do mal-estar docente. 1. ed. - Belo Horizonte, MG : Fino Trato, 2016.

SENA, Maria das Graças Castro. Orientação Educacional no cotidiano das 1as. Séries do 1. Grau. Sao Paulo. Edições Loyola, Coleção Espaço 09. 3a. Ed. s/d.